

RELAÇÃO VIDA–ESCOLA: UMA COMPREENSÃO NECESSÁRIA

Nunca foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. (Paulo Freire, 2011)

Caminharemos, a seguir, a passos largos, pela minha trajetória dos primeiros anos na escola.

O começo da minha relação com a instituição escolar se deu por necessidade do contexto familiar. A escola foi para mim um recanto de acolhimento, antes de ser uma instituição formativa. Explico. Eu tinha três anos de idade, e minha mãe, professora da rede pública municipal de Mari - PB, lecionava à tarde e não tinha com quem me deixar para ir à escola. Meus avós maternos, com quem morávamos, passavam o dia no roçado cuidando da lavoura para nosso sustento, e minha irmã também ia para a escola. Dessa maneira, a única alternativa era me levar junto. Depois de uma manhã inteira de trabalhos domésticos que incluíam cozinhar no fogão a lenha, minha mãe me banhava e me arrumava. Conta que foram muitas as vezes em que chorei para não ir, mas não havia outra opção. Então, ela tomava a mim e a minha irmã pelas mãos e rumávamos para a escola “Educandário O Nazareno”, que ficava a cerca de cinco minutos da nossa casa, no mesmo bairro onde morávamos.

Somente aos cinco anos de idade, comecei efetivamente minha trajetória como estudante no Jardim I, nessa mesma escola. A lancheira era companheira importante naquele momento; na maioria das vezes, o lanche era pão com manteiga assado, banana e suco (feito de suco em pó). Dessa fase, lembro somente dos momentos do recreio, no qual festejávamos o sabor dos lanches. Após lavar as mãos em fila, abríamos nossas lancheiras, e cada um colocava o que tinha trazido sobre uma toalhinha. Cantávamos e rezávamos antes de comer.

Tive o privilégio de aprender muitas coisas incríveis na infância. Sendo neta de agricultores, pude aprender a interagir com a natureza. Ao passo que ia crescendo, minha avó me levava ao roçado. Aprendi pisar na terra sem medo, passar por riachos, identificar frutos maduros, atravessar cercados cheios de gado. Aprendi plantar e colher feijão, batata-

doce, maniva¹ e milho. O plantio, o ver crescer a lavoura e a colheita do milho eram especialmente festivos porque antecediam as alegres e coloridas comemorações juninas. Meus avós trabalhavam muito na roça, e acredito ter aprendido com eles a gostar de mato (o cheiro do capim ao amanhecer é agradabilíssimo!). A participação nas atividades de agricultura nunca desmotivou a minha frequência na escola ou provocou desinteresse por ela; aprendi a gostar das duas coisas.

Minha avó, mesmo analfabeta, fazia muito gosto que estudássemos e fazia o que podia para garantir isso. Minha mãe também cumpria seu papel de incentivo e cuidado em relação aos estudos. Acredito que o fato de ser professora e estar sempre por perto tenha ajudando nas dificuldades e em tomar gosto pelos estudos. Ela sempre esteve atenta e perguntando às professoras como estava o meu comportamento (embora soubesse, de certa forma, haja vista que a educação doméstica não faltava e era bem respondida com obediência). Recordo que vi, muitas vezes, minha mãe estudando e que, algumas vezes, me levava junto quando estudava no Projeto Logos II. Eu ficava quietinha, somente ouvindo as conversas com o professor. Depois de algum tempo, ela reunia os vários livros e cadernos apoiando-os em um braço, me segurava pela mão do outro lado e caminhávamos de volta para casa, onde também se dedicava aos trabalhos artesanais de bordados. Assim, também, aprendi essa arte. Bem mais tarde, cursou Pedagogia. Eu não tinha notícias de pessoas na família que tivessem se dedicado aos estudos. Minha mãe sempre foi exemplo de esforço que levei muito a sério.

Um acontecimento comum, nas escolas naquela época, era a visita anual de um fotógrafo para fazer a chamada “Recordação escolar”. Era uma fotografia feita para que o aluno tivesse uma lembrança daquela fase. Para a foto, cada aluno, devidamente autorizado pelos pais ou responsáveis, vestia uma blusa trazida pelo fotógrafo e posicionava-se numa mesa decorada com troféus e livros. Um destes ficava aberto no centro da mesa onde apoiávamos as mãos para a foto. Algum tempo depois, ele voltava com os resultados que eram colados numa moldura de papel onde constavam as principais informações do aluno(a). Guardo a minha até hoje. Creio que, para muitas crianças, aquela era a única recordação imagética da vida escolar, considerando que eram crianças de escola pública, ou seja, de origem popular, provenientes de contextos econômicos desfavorecidos.

¹ Tronco do pé de macaxeira que, cortado em pedaços, é plantado em covas para a reprodução da raiz. Planta-se maniva e colhe-se macaxeira.

Aos sete anos, na alfabetização, aprendi a ler. Minha mãe conta que eu pegava caderno, lápis e tesoura e ia para debaixo da mesa recortar letrinhas; depois, ao juntá-las e formar palavras, aplaudia-me. O primeiro desenho compreensível foi o de um peixe – era o que eu mais gostava de fazer –, depois bonecas. E assim foi crescendo o repertório. Mais tarde, comecei a ler gibis da turma da Mônica; adorava e guardava todos. Lia-os repetidas vezes.

Lembro-me que, pela difícil condição financeira, o material escolar era comprado aos poucos e guardado em cima do pequeno guarda-roupa, de onde todos os dias eu retirava, limpava e arrumava novamente. Certa vez, minha mãe comprou uma caixa de lápis de cor, e eu resolvi testá-los. Quando rabisquei com o amarelo, achei que a cor não aparecia muito bem e comecei a chorar. Acontece que era noite, e a luz não era muito boa. Por isso, eu não via bem a pintura. Então, minha mãe me explicou que o problema não era do meu lápis, mas da pouca luz. Somente no dia seguinte, me conformei. Não queria que meu lápis não “funcionasse”. Guardava cada coisa com muito cuidado; meus cadernos sempre foram limpos e organizados o ano inteiro.

Permaneci na mesma escola até a terceira série. Cheguei a começar o ano letivo da quarta série. No entanto duas situações quase sequenciais provocaram meu desinteresse nos primeiros dias de aula. A primeira foi quando a professora pegou meu caderno e o mostrou para a turma, usando-o como exemplo de um caderno que ela não recomendava comprar; e a segunda foi quando me chamou de burra, num momento em que eu disse que não estava entendendo um assunto de Matemática. Não sei se por esse fato, todavia Matemática não me atraía; minha relação nesse campo foi de tolerância. Segundo Trigo (1998, p. 73), “há matérias mais compatíveis com o nosso ser, mas ao se exigir um padrão único de desempenho para todas elas, as lacunas tornam-se sacrifícios e, dependendo dos professores ou dos pais, este sacrifício é levado a uma tortura psicológica.” Acredito que meu caso não chegou a tanto, contudo as letras sempre foram mais atraentes (confesso não ter gostado quando apareceram misturadas aos números).

O fato é que a professora acabara de construir uma barreira entre nós e, ao relatar o acontecido em casa, minha mãe achou por bem me transferir para outra escola; certamente conversou com a professora, mas minha transferência já estava resolvida. Não se falava de bullying naquela época, davam-se outros nomes: implicância e marcação, por exemplo.

Estas experiências foram marcas negativas do meu Ensino Fundamental. Só mais tarde, pude pensar nelas, sem sentir raiva da professora. No entanto, lamentei sua postura antipedagógica, promovida certamente por uma lacuna na formação. Percebi que não aprendera a lidar com pessoas, mas apenas com conteúdo. Paulo Freire (2011, p.101) me faz lembrar aquela situação, quando diz que a prática docente não pode ser reduzida ao ensino de conteúdos: “esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los”. Aquela professora parecia não compreender seus alunos como seres em construção, com tempos e habilidades diferentes. Penso que me olhou e viu um ponto fora da curva. Comportamento não difícil de encontrar nos percursos escolares dos alunos, na tentativa de padronizá-los. Isso torna o trabalho do professor mais fácil, é verdade, mas não corresponde à realidade escolar.

Hannoun (1998) expressa uma concepção muito rica, ao discutir os pressupostos fundamentais da educação, entre eles, a perfectibilidade. De acordo com esse pressuposto, nossa condição é de permanentes perseguidores da perfeição, por sermos seres que sempre podem nos tornar melhores do que somos. Contudo, para que isso possa acontecer, é preciso que tanto o educador quanto o educando estejam dispostos a levar a sério o processo educativo:

[...]não só todo indivíduo pode aspirar um estado diferente e melhor do que o seu atual como também a transformação é possível em qualquer instante da vida [...]. A noção de perfectibilidade inerente ao ato de educar comporta, pois, dois atributos: por um lado, a evolutividade da pessoa como portadora desses possíveis; de outro a positividade realizável desses possíveis. [...] uma criança é, antes de mais nada, uma mina de possíveis que poderiam brotar, dadas certas condições (HANNOUN, 1998, p. 18, 19).

Alunos e professores precisam superar-se. É um desafio diário. Naquela circunstância, eu precisava superar minha dificuldade com o conteúdo, e minha professora precisava superar a tendência desrespeitosa e antiética que lhe pareceu útil. Atrelada a esta concepção, podemos pensar a questão da comunicação, também discutida pelo autor citado. Hannoun (1998), considera que a comunicação precisa promover aproximação

entre educador e educando para que a relação seja mais real/autêntica possível. A comunicação é central para que se possa alcançar entendimento acerca da outra pessoa.

Se o educador não reconhece isso, sua prática pedagógica torna-se estéril. Porém isto serve para ambos; ninguém está pronto. A reflexão de Hannoun sobre os possíveis nos remete a Paulo Freire, no que se refere à concepção de inacabamento. Ser inacabado é ser portador de possíveis. Os possíveis somente são por ocasião da condição de inacabamento, ao mesmo tempo que esta tem como consequência necessária os possíveis: “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”. (FREIRE, 2011, p. 50).

Esse tipo de reflexão, contudo, tornou-se real somente na vida adulta. A precocidade nunca foi minha companheira; ao contrário, me considero tardia.

Reconheço que minha passagem pelo Ensino Fundamental não promoveu/despertou em mim uma reflexão necessária sobre a relação entre “meu mundo” e aquilo que estudava na escola. Só comecei a me dar conta disso mais tarde, mais claramente no Ensino Médio e na Universidade. Esta relação escola–vida é uma necessidade fundamental para o bom desenvolvimento de um educando. Quando não conseguimos fazê-la, a vida escolar se torna desinteressante, mera obrigação. Novaski (In MORAIS, 1988, p.15) faz um pertinente questionamento a respeito: “para que serve uma sala de aula se não for capaz de nos transportar além da sala de aula?”.

Ao ouvir histórias sobre a minha cidade, percebi que havia aprendido muito pouco sobre ela na escola: a origem do nome da cidade vinculada às árvores abundantes na região, as atividades econômicas que giravam em torno do abacaxi e do fumo, a linha férrea às margens da qual nasceu a cidade, a belíssima fileira de árvores antigas beirando a linha férrea, o costume de as pessoas se sentarem nas calçadas para conversar, contar histórias e observar as estrelas, quando não havia energia elétrica. Nada disso foi aprendido na escola, mas em casa. Aspectos da história da cidade que, embora vivenciasse diariamente, não conseguia conectá-los à vida escolar. Lacunas a serem preenchidas por nós nos percursos da vida.

Felizmente, nunca me “desencantei” da escola, mesmo vivendo essas experiências desagradáveis. Recebia estímulo constante que não me permitia esquecer que estudar era

importante. Assim, os obstáculos foram vencidos. Para não cair num pessimismo que pode imobilizar, destaquemos aspectos do lado bom: professores dedicados ao ofício e amáveis, muitas árvores e jardins. Recordo de um grande tanque de cimento, sempre cheio de água à sombra das árvores, e onde morava um cágado, que servia de atração na hora do recreio. Havia ainda uma merenda deliciosa, a famosa sopa de letrinhas; almôndegas com arroz e mingau de milho. Precisamos enxergar as coisas boas para conseguir prosseguir. Afinal, o que seria de nós se guardássemos apenas as coisas ruins? Freire (2011, p.53,70) nos anima, quando lembra que “os obstáculos não se eternizam”, “A esperança faz parte da natureza humana”. Lamento não ter conhecido Freire na minha infância.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e terra, 2011.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo, UNESP, 1998.

NOVASKI, Augusto João Crema. Sala de Aula: uma aprendizagem do humano. In: **Sala de aula**. Que espaço é esse? MORAIS, Regis (org.) Campinas, Papirus, 1988.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Salas de aulas. In: **Sala de aula**. Que espaço é esse? MORAIS, Regis (org.) Campinas, Papirus, 1988.

Francikely da Cunha Bandeira

Paraibana com formação em Filosofia e Pedagogia e especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPB. Mestranda em Educação, na linha de pesquisa Educação Popular pela mesma Universidade. A trajetória escolar relatada ocorreu entre 1990, com o ingresso no Jardim I, e 1996, com o encerramento da primeira fase do Ensino Fundamental, antiga quarta série. Entre 1988 e 1989 frequentou a escola informalmente, sendo identificada no texto como visitante.

E-mail: kely01kely@hotmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016